

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS - FFLCH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - DG

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INDIVIDUAL

Jhennypher dos Santos Silva

**Comunidades de Samba da região metropolitana de São Paulo -
Territorialidades atuais do samba paulista**

Orientadora: Prof. Dr. Simone Scifoni

São Paulo - SP

2022

| | |
|---|-----------|
| 1.Agradecimentos | 2 |
| 2.Introdução | 4 |
| 3.Objetivos | 5 |
| 4. Metodologia | 5 |
| 5. Justificativa | 6 |
| 6. Apresentação do roteiro | 7 |
| Parte 1 - O Samba em São Paulo | 7 |
| Parte 2 - O Progresso de São Paulo | 11 |
| Parte 2.1 - A periferia da metrópole. | 12 |
| Parte 3 - Resultado do Trabalho de Campo: O samba de Comunidade | 17 |
| Parte 4 - Reflexões Conclusivas | 22 |
| Referências Bibliográficas | 23 |
| Link para o filme: https://www.youtube.com/watch?v=FPCnLmdO564 | 25 |

1.Agradecimentos

Para agradecer as pessoas que fizeram parte desse projeto, eu preciso dizer de onde vim: Sou a Jhennypher dos Santos Silva, sou cantora, atriz, compositora e bacharelanda em Geografia. Nascida e criada nas rodas de samba da região metropolitana de São Paulo, busco caminhos de intersecção entre a geografia e a arte. Minha pesquisa artística tem como referência a cultura popular afro-brasileira.

Sou filha de Fatima dos Santos e Roberto Santino, conhecido nas rodas de samba como Zé Roberto, sambista periférico que sempre está presente nas rodas de samba de botecos, escolas de samba, mas principalmente nas comunidades de samba. Meu pai não pertence a nenhuma comunidade atualmente, mas é conhecido e respeitado em muitas delas, como cantor, percussionista e ouvinte. Meu pai me ensina a ouvir, prestar atenção a cada instrumento, cada nota, entender as letras, aprender sobre a história das composições. Se hoje estou me tornando pesquisadora acadêmica, aprendi antes com meu pai a importância de uma boa pesquisa.

Minha mãe é ótima comunicadora, atenta, sagaz, ela me ensina a não desistir, me ensina a sempre buscar aquilo que irá me fazer bem, me fazer feliz. Minha mãe como grande apreciadora do samba me ensina a dançar, a sentir o ritmo e deixar fluir no corpo cada batida.

São eles que me fortaleceram para que eu pudesse finalizar essa pesquisa, me apoiaram na pré-produção, na produção em si e até na pós. Construir um filme desse tamanho é um trabalho muito grande que só pode ser feito coletivamente. E a essas duas pessoas eu agradeço em primeiro lugar.

Em seguida agradeço a Domenica Guimarães que tem sido a melhor companheira que eu poderia ter nos últimos anos, que me apoiou em todas as partes do processo, me ensinou a produzir, filmar e editar, segurou minha mão durante tantas dificuldades e se manteve firme ao meu lado.

Agradeço imensamente ao Vaguinho e ao Thiago da Comunidade Bom Ambiente, Vaguinho como idealizador e cantor sempre está entregando sua energia ao trabalho social, fortalecendo pessoas de diferentes bairros com arrecadação de alimentos, roupas e brinquedos. Ele fez a comunidade de samba se tornar um espaço de fortalecimento

para a comunidade geral. Thiago, com sua cuíca invocada, se tornou o diretor da comunidade e aprendeu com Vaguinho a importância da união entre samba e trabalho comunitário e carrega esse sentimento de empatia e entrega por onde passa. A comunidade Bom Ambiente é uma grande referência na cidade de Suzano e nos arredores. A roda de samba da Comunidade Bom Ambiente tem um ingresso social que pede um kilo de alimento não perecível para ser doado às ONGs da região. A prática do ingresso social foi marcante para os participantes, pois ilumina a questão do trabalho social como um dos pilares que produzem o prazer e o lazer da comunidade geral, abrindo os olhos de muitas pessoas para a questão do apoio mútuo entre os membros de toda e qualquer comunidade.

Agradeço enormemente aos parceiros Cidão da Toca e ao Álvaro 7 cordas. Cidão como idealizador da comunidade Samba da Toca é responsável por muitas articulações entre as comunidades, aumentando os laços de apoio entre os grupos. Foram suas andanças pelas rodas de samba da cidade de São Paulo que o levaram a conhecer um pouco da dinâmica do que seria uma roda de samba da comunidade. A Comunidade do Samba da Toca é uma das mais antigas da região e carrega em si a potência do encontro e da troca entre grupos, artistas e comunidades. Já Álvaro é um sambista que circula pelas rodas de samba da região metropolitana, com seu violão melodioso ele conquista os ouvidos e as emoções de todos com sua música. Álvaro é um ótimo compositor que encontrou nos espaços da comunidade um lugar seguro para expressar sua arte.

Finalmente, mas não menos importante, agradeço à minha orientadora Simone Scifoni que me mostrou caminhos para integrar meu olhar artístico à minha pesquisa acadêmica, me ajudando a construir um olhar geográfico e artístico muito potente com o qual seguirei pesquisando e criando.

Link para o filme: <https://www.youtube.com/watch?v=FPCnLmdO564>

2. Introdução

A longa trajetória do samba paulista é material de diversas pesquisas acadêmicas nas áreas das ciências humanas. Por isso é possível encontrar diferentes fontes que afirmam a origem negra e rural da cultura do samba e seu desenvolvimento até a solidificação das Escolas de Samba de São Paulo. Porém, nas últimas décadas, novas organizações socioculturais se consolidaram como espaços de luta para preservação da memória e identidade do samba, tornando-se lugares-samba por excelência. (GONÇALVES, 2014).

Na linha de frente dessa luta encontram-se as Comunidades de Samba que se espalham pelas periferias da metrópole paulistana. Essas Comunidades são formadas por trabalhadores e artistas independentes que se unem para produzir um samba conhecido como "samba de raiz".

Essas Comunidades de Samba, compostas majoritariamente por pessoas negras e afrodescendentes, tem objetivo de perpetuar a história do samba e dos sambistas, reverenciando compositores clássicos do samba afrobrasileiro e criando espaços de lazer e sociabilidade acessíveis para as populações periféricas. Elas também são lugares de encontro e de promoção de artistas independentes que estão construindo suas carreiras.

As comunidades podem ter um lugar fixo de encontro ou não, porém escolhem dias específicos no mês com o intuito de que duas comunidades da mesma região não desenvolvam seus encontros no mesmo dia a fim de fortalecer a comum circulação de sambistas entre as diferentes comunidades. Dentre essas comunidades, destacamos duas: o Samba da Toca que não possui um lugar fixo, mas está presente na cidade de Itaquaquecetuba - SP e a Comunidade Bom Ambiente sediada na cidade de Suzano - SP. Com 19 e 12 anos de história respectivamente, essas comunidades são exemplo da resistência que a prática do samba elabora mesmo na atualidade.

A presente pesquisa de Trabalho de Graduação Individual visa refletir sobre a importância desses espaços que contém a história contemporânea do samba paulista. Além de contribuir com novos caminhos para a produção de conhecimento acadêmico ao trazer como produto final um projeto audiovisual que mistura música e documentário, explorando, assim, a utilização de materiais audiovisuais na pesquisa e ensino de geografia.

3. Objetivos

- Analisar o processo de formação e as práticas culturais que constroem as comunidades de samba supracitadas.
- Compreender as relações sócio-espaciais e étnicas presentes nas rodas de samba da periferia da Grande São Paulo.
- Refletir sobre o conceito de territorialidade negra em justaposição ao conceito de lugar-samba (GONÇALVES, 2014) em São Paulo.

4. Metodologia

O presente Trabalho de Graduação Individual iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica sobre a história do samba no estado de São Paulo, sua origem e desenvolvimento. Em seguida foram levantadas referências bibliográficas sobre as territorialidades do samba paulista e seus desdobramentos atuais. Para isso, foram utilizados materiais teóricos e audiovisuais que serviram como base para a construção do presente texto e da estrutura do roteiro audiovisual que é parte deste projeto.

Após o levantamento das referências acadêmicas e audiovisuais, iniciou-se um processo de aproximação para a definição de quais membros das comunidades escolhidas seriam entrevistados. As entrevistas foram gravadas em dois dias, sendo o primeiro no espaço da comunidade Bom Ambiente na cidade de Suzano - SP e o segundo no apartamento da família da graduanda Jhennypher dos Santos em Itaquaquecetuba com dois integrantes da comunidade Samba da Toca e seu pai que é sambista e frequentador assíduo das rodas de samba da comunidade da zona leste de SP.

O roteiro do filme foi elaborado com base nas entrevistas, e após ser finalizado, ocorreu a gravação do terceiro dia, no estúdio da produtora de conteúdos e narrativas audiovisuais negra AFRONTE.LAB, na qual foram gravados os textos de apresentação da pesquisa que direcionam todo o projeto audiovisual.

O texto de exposição do trabalho foi configurado de forma a ser compreendido por todas as pessoas que fizeram parte do projeto, por isso o tom de contação de história faz referência à oralidade que é a ferramenta ancestral de transmissão de conhecimentos no contexto cultural da população negra em diáspora.

5. Justificativa

A partir do levantamento bibliográfico sobre as intersecções entre a cultura do samba e a geografia foi possível compreender o conceito de lugar-samba desenvolvido pelo geógrafo Thiago Gonçalves (2014) em sua tese de mestrado "O lugar-samba no Bixiga: memória e identidade" que foi incorporado à pesquisa como um ponto de partida para a compreensão das territorialidades do samba presentes em São Paulo.

Com isso, revelou-se a necessidade de construir uma linha do tempo do samba paulista, com início na cidade de Pirapora do Bom Jesus que, segundo Gonçalves, seria um dos mais antigos lugares-samba já registrados em São Paulo.

A partir disso, a pesquisa de doutorado do geógrafo Alessandro Dozena intitulada "Novas territorialidades do samba na cidade de São Paulo" (2009) e o documentário Batuque Paulista (História do Samba Paulista) desenvolvido pelos alunos de Jornalismo e Rádio e TV da Faculdade Cásper Líbero em 2016 foram as bases teóricas e visuais para a construção da estrutura do roteiro que será apresentado no próximo capítulo.

Após o levantamento das referências escritas e audiovisuais, iniciou-se um processo de entrevistas com as comunidades de samba já escolhidas anteriormente. Essas comunidades foram escolhidas justamente por serem originárias da região metropolitana e por apresentarem um longo histórico de atuação para a manutenção da cultura do samba na periferia da metrópole.

6. Apresentação do roteiro

Início

Tela Preta com o parágrafo abaixo narrado

Esse projeto escrito e audiovisual busca construir uma narrativa geográfica sobre as vivências e experiências atuais das comunidades de samba do lado leste da metrópole paulistana, partindo das origens rurais do samba em São Paulo, passando pelos territórios negros urbanos onde o samba se estabeleceu, até sua prática atual desenvolvida pelas comunidades de samba da periferia da metrópole. Utilizaremos como estudo de caso, as comunidades Bom Ambiente e o Samba da Toca.

Parte 1 - O Samba em São Paulo

Todo filme conta uma história, essa começa no interior do estado de São Paulo, mas poderia começar na região do Oeste africano, em Angola, no Congo. Pois, o samba é um ritmo afro diaspórico, ou seja filho da diáspora africana, resultado dessa cultura presente no Brasil.

Desde os tempos da colônia o som vibrante dos tambores afro-brasileiros ecoa por aqui, em terreiros de fazendas, pelas ruas das vilas ou nos adros de igrejas, com seu poder de arrancar os homens à dispersão forçada em que vivem [...] Os desdobramentos desses eventos musicais dos negros da Colônia e do Império vieram a configurar um grande leque de manifestações dramático-musicais-coreográficas que atualmente presenciamos por todo o Brasil entre o sábado de Aleluia e o Carnaval. (DIAS, 1999, p. 42).

Ao longo da história do Brasil, o samba foi desenvolvendo diferentes vertentes e formas de manifestação, como samba de roda, samba de coco, samba de breque, samba chula entre outros (AZEVEDO, 2018). Mas são poucos os registros escritos detalhados sobre o desenvolvimento rítmico e estético do samba, pois a cultura afro diaspórica sempre utilizou a oralidade e as práticas culturais e religiosas como forma de registro.

O professor Amailton Azevedo afirma: "Entre os descendentes de africanos a família e a tradição oral marcaram profundamente as relações sociais e a formação de uma

cultura afro". (AZEVEDO, 2006) Desse modo, serviram como elo de ligação e trocas entre gerações distintas, redimensionando traços da cultura afro diaspórica na cidade. A transmissão da cultura do samba foi permitida através da oralidade. (AZEVEDO, 2006)

Tudo que uma geração pratica em costumes, adquiridos e reinventados, através da comunicação oral, por meio de rituais, usos e mitos passados de uma para outra, contextualizado para uma civilização, é chamado de tradição. É a transferência da herança cultural. Por meio da fala, a sabedoria ancestral é resguardada e tributada a uma enunciação pontual, que podemos denominar “tradição oral”.

(ARAÚJO, 2016, p. 52).

Contudo, a constante tentativa de apagamento da história das populações negras no Brasil fomentada pelo racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) da sociedade brasileira tem como consequência a violenta perseguição de práticas culturais e religiosas, a destruição de espacialidades produzidas pelas populações negras e a morte de pessoas que poderiam ser grandes transmissores de conhecimento.

De acordo com o professor e filósofo Silvio de Almeida (2019), o racismo sob uma perspectiva estrutural é um processo histórico e político que cria condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática.

A filósofa Sueli Carneiro também afirma que o racismo epistêmico tem sido um instrumento operacional que tem contribuído fortemente para a consolidação das hierarquias raciais que são produzidas pelo próprio epistemicídio (Carneiro, 2005, apud Martins, 2018).

Dessa forma, colonização e o epistemicídio da história do negro no Brasil, nos impossibilita de desenhar com nitidez as origens e o desenvolvimento do samba desde a chegada dos africanos em terras brasileiras.

Assim sendo, começamos nossa história na cidade de Pirapora do Bom Jesus, região oeste da Grande São Paulo. Era em Pirapora do Bom Jesus no final do século XIX que registram-se historicamente os primeiros grandes encontros para a prática do samba no estado de São Paulo.

Durante as festividades em homenagem à imagem de Bom Jesus, os romeiros escravocratas chegavam de diversas cidades do interior do estado e traziam, consigo, as pessoas por eles escravizadas. Pessoas negras, indígenas e seus descendentes que não eram bem-vindas nas celebrações religiosas (GONÇALVES, 2014) e, por isso, eram alojadas em

dois barracões a cerca de três quilômetros do santuário católico. (CUÍCA; DOMINGUES, 2009, p. 28)

Ali nos barracões, aproveitando os singulares momentos em que podiam vivenciar sua existência como seres humanos autônomos, inicia-se um movimento de reunião entre pares para a livre expressão rítmica do que podemos entender como a batucada que enraizou o samba paulistano.

[...] as populações bantas trazidas cativas desde a África mantiveram, contra tudo e contra todos, a memória do “semba” em todas as partes para onde eram obrigados a ir: apesar de tudo reuniam-se e essa reunião ocorria em determinados lugares, que podiam ser o meio da mata, os porões de casas nas cidades, os galpões de senzalas, os pontos de mercados, até que, livres, explodiram para além do limite das correntes escravagistas, insistindo em sua memória ancestral. (GONÇALVES, 2014, p. 24)

O samba é originário do encontro rítmico entre os tambores e a dança, desenvolvido pelos africanos em diáspora no Brasil e se espalhou pelo território braileiro criando diversas vertentes e sonoridades. Uma parte importante da história de resistência do samba em SP, por sua vez, pode ser analisada a partir dos encontros anuais ocorridos em Pirapora do Bom Jesus, pois ali aconteciam as mais antigas reuniões para a prática do samba em São Paulo já datadas oficialmente.

Esses encontros se tornaram tradição e se mantiveram firmes como fomentadores da cultura negra, pois mesmo após a promulgação da Lei Áurea em 1888 e a suposta libertação dos escravizados, os barracões de Pirapora permaneceram sendo palco para encontro de diversos batuqueiros negros provenientes de cidades do interior de São Paulo e de outros estados que celebravam a sua religiosidade ao som dos tambores.

Insert Citação:

"Após a abolição do regime escravocrata, em 1888, a romaria a Pirapora permaneceu como centralizadora e catalisadora da prática dos vários sambas caipiras paulistas, atuando como espaço de reunião para a prática dessa expressão artística, com os dois barracões permitindo as festas sem a intervenção da Igreja. Era, como antes, um lugar-samba por excelência." (GONÇALVES, 2014, p.26)

Insert 1 - Geraldo Filme Cantando sobre o samba de Pirapora.

Durante muitos anos, os barracões de Pirapora do Bom Jesus eram lugares-samba por excelência (GONÇALVES, 2014) onde se desenvolvia o intercâmbio cultural entre os batuqueiros de diferentes localidades. Organizavam-se comitivas de romeiros de cidades como Campinas, Tietê, Piracicaba, Capivari, Jacareí, São Paulo (CUÍCA; DOMINGUES, 2009, p. 28) e de estados como Paraná e Minas Gerais que se encontravam nos barracões e realizavam apresentações e competições musicais, trocando conhecimentos através da oralidade e acolhendo as diferentes manifestações artísticas e religiosas que se produziam no espaço.

Insert 2: Audio de GERALDO Filme falando sobre os barracões retirado do documentário "Batuque Paulista (História do Samba Paulista)

A partir da década de 1930, a igreja católica passa a criar estratégias de desmobilização dessa organização festiva e em 1936 os barracões são interditados por "questão de segurança". Com isso a romaria e os festejos de Pirapora vão diminuindo até que em 1950 os barracões são demolidos (CUÍCA; DOMINGUES, 2009, p. 31).

Os encontros em Pirapora do Bom Jesus são desmobilizados. Porém o samba não pode parar nunca e por isso, os grupos de "sambeiros" (GONÇALVES apud. SIMSON, 2004) passam a produzir reuniões para o samba em seus locais de origem, criando novas formas e perspectivas de produção da cultura popular.

O que queremos destacar é que a cultura popular sempre se renova, se transfigura dentro de suas estéticas, mas consegue manter suas características essenciais quando produzida por seus agentes originais, o povo. Nesse caso o povo negro, afrodescendente, o povo trabalhador que ocupa as margens da cidade e da economia capitalista.

Insert 3: Música Vou mandar reconstruir meu barraco - Samba da Toca

Parte 2 - O Progresso de São Paulo

Resumo do texto abaixo narrado enquanto se apresentam imagens da cidade de São Paulo da década de 1920 e 1930, colhidas da internet.

A partir do início do século XX, o avanço do modo de produção industrial capitalista gera significativas transformações socioespaciais no país. No contexto nacional, o processo de pós abolição da escravatura vilipendia a criação de políticas públicas que pudessem garantir às populações negras acesso à posse da terra, à educação formal, ao trabalho ou qualquer outro direito básico de sobrevivência. (FERNANDES, 2008)

Ao mesmo tempo, num contexto estadual, São Paulo vive o início de seu desenvolvimento industrial e os setores produtivos das regiões rurais, como o café, começam a perder força frente ao desenvolvimento industrial urbano (FERNANDES, 2008). Assim, os trabalhadores do campo têm de migrar para a cidade que se torna o local de concentração de capital.

Os trabalhadores do campo nesse contexto eram em sua maioria negros e afrodescendentes (HASENBALG, 2005), dessa forma, o êxodo rural ocorrido à época aumenta as populações dos territórios negros já existentes na cidade (ROLNIK, 1989), pois as populações negras e afrodescendentes buscam se unir em territórios contíguos para morar, trabalhar e viver. Essa estratégia social pode ser compreendida como um mecanismo ancestral de enfrentamento às dificuldades impostas pelo racismo estrutural.

Aquilombar-se, é, portanto, uma ação contínua de existência autônoma frente aos antagonismos que se caracterizam de diferentes formas ao longo da história dessas comunidades, e que demandam ações de luta ao longo das gerações para que esses sujeitos tenham o direito fundamental a resistirem e existirem com seus usos e costumes. (Souza, 2008, p. 106)

Com isso, os territórios negros de São Paulo vão se ampliando e difundindo suas práticas culturais elaboradas através do encontro das comunidades negras em ambiente urbano. Bairros atualmente conhecidos como Barra Funda, Liberdade e Bela Vista eram os principais territórios negros da cidade de São Paulo (ROLNIK, 1989) e é justamente nesses bairros que se iniciam os blocos e cordões carnavalescos e mais tarde as primeiras escolas de samba de São Paulo.

Tela Preta - Citação

Como afirma o geógrafo Alessandro Dozena em sua tese de doutorado: "Os escravizados que saíram das áreas rurais e vieram para a cidade de São Paulo trouxeram a

tradição do batuque rural, que foi sendo gradativamente incorporado ao samba já em um contexto urbano, nos três territórios negros da São Paulo da primeira metade do século XX: Bexiga, Baixada do Glicério e Barra Funda (apud. Simson, 1989)."

Insert 4: Capa do álbum Memória Eldorado de Geraldo Filme de 1982 com a trilha da música "Tradição" do mesmo compositor.

Assim, os territórios negros de São Paulo se materializam como lugares-samba da cidade. Locais em que a população negra e afrodescendente transforma seus momentos de lazer em grandes batucadas que vão se consolidando em grupos, blocos, cordões e escolas de samba (MORAES, 1978 apud. AZEVEDO, 2018) Dessa forma, o samba de São Paulo vai estruturando suas raízes. Segundo Dozena

"A formação das “raízes territoriais” do samba na capital acompanhou o uso específico do seu território em cada momento, onde o samba atuou como um dos principais mediadores na construção da identidade da população negra; levando-se em conta que “a identidade comunitária está sempre relacionada a uma identidade territorial” (GOMES, 2002, p. 62). " (DOZENA, 2009, p.49)

Parte 2.1 - A periferia da metrópole.

Na década de 1950, a especulação fundiária presente nas regiões centrais e a expansão da malha urbana (OLIVEIRA, 2016) provoca o adensamento populacional das regiões mais distantes do centro.

Texto abaixo narrado enquanto se apresentam fotos da região leste tiradas entre as décadas de 1920 a 1950.

A zona leste, que até a década de 40 era uma área majoritariamente rural, começa a viver um processo de urbanização acelerada e desordenada. A região começa a receber um grande número de trabalhadores de baixa renda em busca de habitações mais baratas que proporcionassem acesso ao centro da cidade onde se encontravam (e ainda se encontram) o maior número de oportunidades de trabalho.

Tela preta - citação

Raquel Rolnik afirma: "[...]Durante décadas a região [LESTE] foi se urbanizando progressivamente, acompanhando o crescimento acelerado da população paulistana, com os maiores índices de crescimento demográfico do município, notadamente da população de baixa renda." (ROLNIK, 2001, p. 45)

A partir dos anos 60, essa dinâmica de produção exacerbada do espaço urbano sem planejamento (OLIVEIRA, 2016) vai criando o fenômeno da conurbação no qual a mancha urbana de um município rompe a fronteira com as outras cidades ao redor. Esse processo de conurbação desenhou a atual região metropolitana de São Paulo, formada por um longo tecido urbano onde não é possível identificar os limites da cidade (apud ROLNIK, 2012). Para o leste, a cidade alcança a divisa com outros municípios (OLIVEIRA, 2016) como Ferraz de Vasconcelos, Poá e Itaquaquecetuba.

Para Burgos (2008), a formação da periferia da cidade de São Paulo ocorreu sob o contexto do processo de “industrialização - urbanização - metropolização”. Além disso, a autora afirma que a transformação do subúrbio paulistano em periferia está diretamente ligada à reprodução da classe trabalhadora no processo de industrialização da cidade. (OLIVEIRA, 2016, p.15)

Esse processo de adensamento da periferia metropolitana (ROLNIK, 2001) é importante para a compreensão socioespacial dessa pesquisa, pois é na periferia da metrópole que situamos nossa investigação.

Insert entrevistas:

Thiago → Relato sobre a grande quantidade de rodas de samba que existiam na zona leste de São Paulo em sua juventude.

A presente pesquisa localiza-se na zona leste da região metropolitana de São Paulo, mas precisamente as cidades de Itaquaquecetuba e Suzano, pois as comunidades de samba entrevistadas como estudo de caso são provenientes dessas cidades. Sendo o Samba da Toca de Itaquaquecetuba e a Comunidade Bom Ambiente de Suzano.

Os textos abaixo são narrados enquanto apresentam-se imagens aéreas das cidades coletadas da internet.

Itaquaquecetuba é uma cidade com aproximadamente 379.082 habitantes e está localizada na região metropolitana de São Paulo e na microrregião de Mogi das Cruzes. O núcleo urbano da cidade foi efetivado no início do século XX quando padres venderam alguns lotes de terras, pertencentes à igreja católica, para investidores responsáveis pela instalação da estação ferroviária em 1925, na linha variante de Moji das Cruzes da Estrada de Ferro Central do Brasil. Itaquá, como é conhecida, possui forte vocação industrial, pois rodovias de grande tráfego passam pela cidade. Porém, segundo dados do IBGE, quase 40% das famílias recebem menos de um salário mínimo por pessoa e mais 50 mil pessoas não têm o ensino fundamental completo. Em Itaquaquecetuba, o índice de desenvolvimento humano é 0,714 considerado médio. O Município faz divisa com Guarulhos, Arujá, Poá, Mogi das Cruzes, Suzano e São Paulo

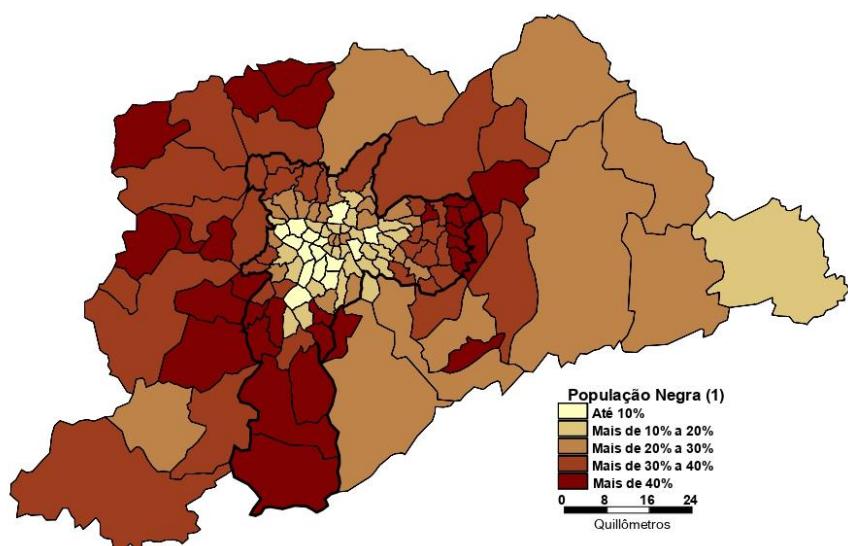
Suzano tem uma população de 303.397 pessoas aproximadamente. A cidade está localizada na região metropolitana de São Paulo e na microrregião de Mogi das Cruzes. A Estrada de Ferro do Norte ou São Paulo-Rio foi de grande importância para o povoamento de Suzano e a partir da construção da estação ferroviária a vila se tornou um distrito de Mogi das Cruzes. Suzano foi elevada à categoria de município apenas em 1948, desmembrando-se do município de Mogi das Cruzes. Segundo dados do IBGE, Suzano possui um IDH de 0,765 considerado médio, porém mais 37% da população recebe meio salário mínimo e mais de 40 mil pessoas não têm ensino médio completo. O município faz divisa com Ferraz de Vasconcelos, Poá, Itaquá, Mogi Das Cruzes e Ribeirão Pires.

Essas duas cidades pertencem ao Alto Tietê, região geográfica localizada em torno do Rio Tietê que tem sua nascente no município de Salesópolis. Segundo o Consórcio de Desenvolvimento dos Municípios do Alto Tietê (CONDEMAT) o Alto Tietê se destaca pela economia diversificada. Na agricultura, o “Cinturão Verde” é responsável pelo abastecimento da Capital e de várias outras regiões do Brasil, com liderança na produção nacional de frutas, com destaque para o caqui e a nêspera, além de cogumelos e flores. O comércio é amplo, diverso e registra crescimento acentuado nos últimos anos, sendo que as cidades de Guarulhos e Mogi das Cruzes estão entre os 100 municípios brasileiros com maior potencial de consumo.

Segundo dados da Fundação SEADE, no censo de 2000, treze cidades da região metropolitana de São Paulo possuíam mais de 40% de população negra e

afrodescendente, entre elas está a cidade de Itaquaquecetuba. Já a cidade de Suzano, em 2000, apresentava mais de 30% de população negra e afrodescendente.

MAPA 3
Participação da População Negra (1) no Total de Habitantes
Municípios da Região Metropolitana de São Paulo e Distritos da Capital
2000



Fonte: IBGE. Censo Demográfico; Fundação Seade.
(1) Inclui a população parda e preta.

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados

A publicação do IBGE Desigualdade sociais por raça ou cor no Brasil (2019), demonstra que, historicamente, a população negra é mais atingida pelo processo de desigualdade social na cidade de São Paulo. O cruzamento dos dados nos leva a compreender que em São Paulo, a população negra e afrodescendente tem forte presença na periferia da metrópole, pois são lugares cujas habitações são financeiramente mais acessíveis para essa população.

O sistema capitalista e a especulação imobiliária empurram os mais pobres para as periferias (DOZENA, 2009), porém é justamente nesse território, muitas vezes desvalorizado, que as pessoas se empoderam e se unem para construir coletivamente suas famílias, suas casas, seus bairros, suas comunidades e suas rodas de samba.

Possivelmente, um dos aspectos que melhor sintetizam o crescimento urbano de São Paulo naquele período tenha sido a grande transformação produzida em suas periferias. Assim sendo, o samba tomou o percurso direcionado para os “novos” bairros da região leste e sul. (DOZENA, 20.p, 112)

Dessa forma, a expansão da periferia realoca os lugares-samba da cidade que passam a ser mais flutuantes. As rodas se formam de maneira espontânea entre os sambistas dentro de suas próprias regiões periféricas, nas ruas, nos bares e botecos, nos campos de futebol e até mesmo dentro dos vagões da CPTM.

Insert entrevistas: Roberto relata como eram as rodas de samba organizadas dentro dos vagões da CPTM

Assim, rodas de samba da periferia da metrópole vão se consolidando como espaços de lazer, liberdade criativa, acolhimento e compartilhamento de saberes populares. São espaços de integração comunitária onde o samba se apresenta como uma tradição que tem o poder de preservar a história. Cantando sobre o passado, fortalecendo o presente enquanto se planta a semente do futuro.

Insert entrevistas:

Vaguinho → Relato sobre a importância do samba para a preservação da história negra no Brasil.

Álvaro → Relato sobre como o samba pode ser uma forma de aprender sobre a história do Brasil.

Roberto → "O samba ele traz a histórias do Brasil, vejam essa maravilha de cenário. "

Música: Aquarela brasileira - Silas de Oliveira

Parte 3 - Resultado do Trabalho de Campo: O samba de Comunidade

Insert entrevistas:

Música Samba da Toca Chegou

Texto narrado enquanto são apresentadas imagens do documentário "Comunidades. O Samba que toca São Paulo".

Chegamos ao ponto principal dessa história, estamos na zona leste da região metropolitana de São Paulo, nas cidades de Itaquaquecetuba e Suzano, onde as comunidades de samba Bom Ambiente e Samba da Toca surgiram como expoentes do que podemos chamar de Samba de Comunidade: roda de samba mensal produzida por um grupo de sambistas, cantores, percussionista e artistas independentes que apresenta em seu repertório canções autorais e canções de compositores clássicos do samba brasileiro na tentativa de reavivar a memória do samba "de fundo de quintal", celebrando sua simplicidade poética e sua força coletiva.

Em São Paulo, também, o quintal ou o terreiro e a sala transformaram-se em territórios de construção de identificação social e continuidade de novas formas de sociabilidade privadas com marcas específicas do corpo afro-descendente no espaço urbano.

(AZEVEDO, 2006, p. 37)

Insert entrevistas:

Roberto → Relato sobre as rodas de samba produzidas sem interesses financeiros, apenas por prazer ocorrida nas esquinas e nos quintais.

Cido → Relato sobre a origem do samba e o apadrinhamento entre as comunidades.

Alvaro → Relato sobre o papel das comunidades.

Vaguinho → Relato sobre o surgimento da comunidade Bom Ambiente, seu desenvolvimento na região e sua relação com as comunidades de samba das regiões próximas.

Thiago → Relato sobre a escolha do nome "Comunidade Bom Ambiente" para o projeto e sobre a ligação do projeto do samba com o projeto social desenvolvido pelo grupo.

Vaguinho → Relato sobre o trabalho social que ele e sua esposa exerciam antes do surgimento da comunidade e como a união de dois projetos foi engrandecedora para o bairro e para o próprio samba.

Após muitos anos de luta e marginalização de sua prática, o samba foi incorporado ao que podemos chamar de "cultura popular brasileira" e passou a ser um símbolo internacional dessa cultura (DINIZ, 2008). Hoje, podemos encontrar apresentações e shows de grupos de samba em bairros nobres, em grandes eventos privados, em festivais de música, em bares e restaurantes turísticos, nas rádios, televisões e mídias digitais e também nas ruas da cidade. Cada um desses espaços irá agregar um determinado público, de determinada classe social e étnica dentro do que o próprio espaço se propõe.

Insert entrevistas:

Álvaro → Sobre a dificuldade de encontrar locais para realizarem as rodas com o estilo musical que o samba de comunidade produz.

Porém, nem todos esses espaços contém em si a essência original do samba , aquilo que essa manifestação artística carrega de ancestralidade. Elementos simbólicos herdados do longo caminho de resistência política e cultural negra brasileira.

Insert entrevistas: Roberto falando sobre a essência da roda de samba de comunidade

A essência presente nas rodas de samba de comunidade é aquela encontrada no compartilhamento de saberes e afetos vivenciada dentro dos barracões de Pirapora do Bom

Jesus; na prática de aquilombamento presente nas rodas do território negro do Saracura (Bexiga - SP); na musicalidade produzida em ambientes de intimidades como no quintal de Tia Ciata (Rio de Janeiro) ou no quintal de Dona Cida (São Matheus - SP); na poesia das rodas de samba promovida nos botecos entre simples trabalhadores, muitas vezes sem acesso a educação formal, que a partir do samba se tornaram grandes compositores. Essa é a essência presente no samba de comunidade.

Música: Pois o samba marca como giz

Os sambas de comunidades são espaços onde os artistas periféricos são respeitados e admirados. Pessoas trabalhadoras que encontram nas comunidades de samba a segurança necessária para expressar sua criatividade, para apresentar suas composições, para praticar seus estudos com instrumentos e voz e até mesmo para aprender sobre música e sobre o samba de raiz. Assim, o samba de comunidade acolhe esses artistas periféricos que estão escondidos, ou até sufocados, pela máquina do sistema capitalista sem ter a oportunidade de terem sua voz ouvida.

Insert entrevistas:

Alvaro → Fala sobre os compositores periféricos que não alcançam grande visibilidade, mas que nas comunidades tem lugar garantido para apresentar suas composições

A maioria das comunidades de samba não recebem nenhum tipo de incentivo ou apoio financeiro para manutenção de suas rodas, seus instrumentos e integrantes. Tudo é produzido a partir da mobilização da própria comunidade. Como não possuem imóvel próprio, os coletivos precisam alugar espaços comerciais ou fechar parcerias com estabelecimentos locais para viabilizar a roda.

As quadras das escolas de samba, as casas e centros culturais onde se organizam os movimentos de samba e as rodas dentre outros, são locais de sociabilidade onde se expressam experiências não-remuneradas, fundamentadas no encontro comum que ali se dá e que torna esses lugares um ambiente comum a todos.

(DOZENA, 2009)

Insert entrevistas:

Roberto: "Quando a pessoa chega na primeira vez e vê os uniformes, a bandeira, nglm sabe que aquilo saiu do bolso de alguém, saiu do bolso da própria comunidade"

Cido: "A maioria trabalha, nos reúne uma vez por mês para cantar o samba raiz. Já tive muita briga do cara chegar lá e querer cantar tal música que a gente não toca"

Imagens da distribuição de alimentos .

Para além de acolher os artistas periféricos, as comunidades de samba buscam criar estratégias de apoio às necessidades dos habitantes das regiões a que pertencem, arrecadando alimentos e brinquedos, como ingressos para os seus eventos, que serão distribuídos para famílias ou instituições. Com isso, as comunidades de samba agregam ao escopo de suas funções o trabalho social e a conscientização dos próprios frequentadores que mesmo sendo de outros territórios também apoiam os projetos presentes ali.

Possuem, também, a função pedagógica de apresentar para os espectadores canções antigas criadas por aqueles compositores que muitas vezes não são lembrados pela grande indústria da música, mas que são os baluartes do samba no Brasil. Através da música, da voz, dos instrumentos, as comunidades de samba preservam e multiplicam a histórias dos brasileiros e consequentemente do Brasil.

Insert entrevistas:

Cido → Fala sobre insistir no resgate da cultura e sobre a reverência necessária aos compositores de samba.

Alvaro → Fala sobre as dificuldades enfrentadas para gerir um projeto desse tipo.

Insert entrevistas:

Thiago → Aponta que o trabalho social faz parte do princípio da comunidade de samba. Afirma que a comunidade tem essa função de apresentar para o público as composições do samba de raiz e termina dizendo o quanto o trabalho da Comunidade Bom Ambiente inspirou a criação de outras comunidades de samba na região

O samba é uma forma de expressão originalmente desenvolvida pelas populações negras e afrodescendentes em diáspora. Atualmente a cultura do samba alcançou outras camadas da sociedade, mas as características de compartilhamento de afeto, fortalecimento comunitário, transmissão da história pela oralidade e resistência cultural

presentes nas rodas de samba de comunidade são características simbólicas herdadas da cultura afro diaspórica brasileira. (AZEVEDO, 2006)

Insert entrevistas:

Roberto → Afirma que o samba faz parte da cultura preta brasileira.

Vaguinho → Fala como a comunidade pode ser vista como um grande Quilombo, aponta as dificuldades que o racismo lhe impôs e termina afirmando seu empoderamento negro.

Vaguinho → Fala sobre como o samba pode ser bandeira para muitas lutas e assim ser uma gente de rompimento de barreiras e preconceitos diversos.

Clovis Moura afirma "O negro brasileiro sempre foi um grande organizador. [...] com organizações intermitentes, frágeis e um tanto desarticuladas, mas sempre constantes." " [...] o negro sofre um processo de peneiramento e discriminação tão intenso e constante que se não tivesse se organizado, estaria fadado a destruição biológica."

A simples existência do samba no Brasil é resultado da luta histórica que as populações negras e afrodescendentes enfrentam para promover a livre expressão de suas manifestações culturais.

[...] a cultura negra nas Américas se desdobrou numa pluralidade e multiplicidade de expressões culturais que reposicionou o estilo negro onde a “África” é ponto de partida e de chegada. O modo de viver dos africanos escravizados e ex-escravizados refabricou e trançou a espinha dorsal dessas expressões, que não se limitaram ao Brasil, mas se estenderam por todas as Américas e ilhas caribenhas (BRAGA, 2012). Traços culturais africanos que atravessaram séculos resistindo ao tráfico, à máquina escravista e ao racismo, ficando retidos na retina e na sensibilidade.

(AZEVEDO, 2018)

Parte 4 - Reflexões Conclusivas

A partir dessa pesquisa e do conjunto de trabalhos académicos e audiovisuais realizados sobre as comunidades de samba podemos perceber que o samba de São Paulo tem suas origens no interior do estado, chega até as áreas urbanas se potencializando através dos territórios negros da cidade e se espalha pelas periferias da metrópole.

As territorialidades atuais do samba de São Paulo são múltiplas, porém as rodas de samba desenvolvidas pelas comunidades na periferia são as territorialidades primordiais para a manutenção dessa cultura, pois fomentam o aprendizado sobre sua história e seus agentes originais, além de fortalecer a economia solidária de seus territórios, apoiando artistas e empreendimentos locais. Portanto concluímos que as comunidades de samba são, na atualidade, lugares-samba essenciais de São Paulo.

A luta por acesso a territórios onde essa cultura possa ser livremente vivenciada também é um elemento que marca a maneira como essas comunidades se relacionam com a cidade. A periferia da metrópole é o fértil território em que as comunidades se desenvolvem, onde trabalhadores e artistas desprovidos de riquezas materiais, produzem grandiosas riquezas simbólicas, encontrando nas rodas de samba a expressão máxima de sua criatividade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural.** São Paulo: Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

ARAUJO, Leandro Alves. Oralidade e Diáspora Africana. **Revista Grau Zero**, Bahia, n.1, v.4, p. 47 - 69, jan/jun, 2016.

AZEVEDO, Amailton Magno. Samba: um ritmo negro de resistência. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo , n. 70, p. 44-58, Aug. 2018 .

_____. **A memória musical de Geraldo Filme: os sambas e as micro-áfricas em São Paulo.** 2006. 234 f Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

BRAGA, Liliana. **África em toda parte: cultura negra é o coração das estéticas das periferias.** In: site A cor da cultura. 2013.

DIAS, Paulo. **Comunidades do Tambor.** Texto de apresentação da exposição multimídia “Comunidades do Tambor”. Evento: Percussões do Brasil. SESC Vila Mariana, São Paulo, 1999.

DINIZ, André. **Almanaque do samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GONÇALVES, Thiago Rodrigues. **O lugar-samba no Bixiga: memória e identidade.** Rio Claro, 2014.

_____. A experiência, o lugar, a cidade: O lugar-samba em uma São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL ANPEGE, 11., 2015. **Anais do XI ANPEGE.** Rio Claro. 2015. p. 5394 - 5406.

_____. Lugar como Reunião: os lugares-samba paulistas. **Revista Geograficidade.** Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 60 - 67, inverno 2014.

_____. **A Geografia do Samba na cidade de São Paulo.** Geograficidade | v.1, n.2, Inverno 2012

KAECKE, Janaína de Moraes. O Sujeito na Quebrada do Samba , Ponto Urbe [Online], 13 | 2013, posto online no dia 31 Dezembro 2013, consultado o 22 Julho 2014.

LOWENTHAL, David. **Geografia, experiência e imaginação:** em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.) Perspectivas da geografia. São Paulo: DIFEL, 1982, p. 103-141.

MARTINS, Mireile Silva. **Formas de silenciamento do colonialismo e epistemocídio: apontamentos para o debate.** In: VI Semana de História do Pontal e V Encontro de Ensino de História, 2018, Uberlândia. Minas Gerais, 2018, p. 1- 11.

MATOS, Marcelo Pereira. **O Rio de Janeiro das Escolas de Samba: Lugar, Identidade e Imagem Urbana.** 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana)-Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2005

MOURA, Clóvis. **Tudo é História - Os quilombos e Rebeldião Negra.** 1 Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Brasil (Palavras Negras).** São Paulo, 1988.

OLIVEIRA, Filipe Vieira de. **Urbanização e formação socioespacial da Zona Leste da cidade de São Paulo:** aspectos históricos e forma urbana. Revista do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, n. 17, p. 4 - 21, setembro a dezembro de 2016.

ROLNIK, Raquel. **Territórios negros nas cidades brasileiras:** etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. Revista de Estudos Afro-asiáticos, Rio de Janeiro 17, setembro 1989.

SILVA, Kelly Cristina Rodrigues. A memória para pensar o espaço: A perspectiva do lugar. **Revista Geograficidade.** Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 26 - 37, inverno 2015

SOUZA, Bárbara Oliveira. **Aquilombar-se. Panorama histórico, identitário e político do movimento quilombola brasileiro.** 2008. Dissertação (Mestrado em antropologia Social) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2008.

DESIGUALDADES sociais por raça ou cor no Brasil. IBGE. 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf

MAIOR população negra do país. Fundação SEADE. Disponível em:
<http://produtos.seade.gov.br/produtos/idr/download/populacao.pdf>

Link para o filme: <https://www.youtube.com/watch?v=FPCnLmdO564>